

Biografias I

Carta de Frei Elias (CE)

Introdução: *Frei David de Azevedo, OFM*

Tradução: *Frei José Maria da Fonseca Guimarães, OFM*

INTRODUÇÃO

É o primeiro documento histórico sobre S. Francisco. Foi escrita e enviada nos primeiros dias depois da morte de S. Francisco (3 de Outubro de 1226).

A denominação de Epistola Encyclica de Transitu S. Francisci (...) ad omnes provincias Ordinis missa deve-se ao padre M. Bihl que a inseriu entre os textos editados na Analecta Franciscana, X, pp. 523-528. O texto foi tirado do Speculum vitae b. Francisci et sociorum eius, Anvers, 1620, pp. 103-106, editado por Spoerlbech. É bem possível que fosse uma carta circular enviada a todas as províncias da Ordem. Das muitas cópias que terão sido feitas, no fim de contas a que foi recolhida no Speculum é a única que nos chegou, e mesmo essa só impressa. Jordão de Giano, na sua Crónica, n. 50, faz referência a um exemplar em que aparecia a convocação do Capítulo para «eleger o ministro geral», assunto que não é abordado no exemplar actual. Seria um texto diferente ou aquela parte referente à convocação do capítulo teria sido omitida pelo editor do Speculum? Impossível saber-se.

Sobre as características deste documento, veja-se a Introdução Geral às Biografias, p. 212.

CARTA ENCÍCLICA SOBRE A MORTE DE S. FRANCISCO (CE)

Dirigida a todas as Províncias da Ordem por Fr. Elias, então Vigário Geral

1. ¹Frei Elias, sem outro título que o de pecador, saúda seu dilecto Irmão em Cristo, Frei Gregório, Ministro dos Irmãos de França¹, e na pessoa dele a todos os seus e nossos Irmãos.

2. ²Não vos espanteis que eu comece por um desabafo, que o eco do meu suspiro ressoe como o fragor das torrentes: é que aconteceu aquilo que eu temia, sobreveio aquilo que eu receava...² Uma desgraça para mim e para vós: aquele que nos consolava, abalou para longe de nós³; aquele que nos trazia nos braços⁴, como à ovelha da parábola, partiu para regiões distantes. ³Foi arrebatado para a mansão da luz aquele que tão querido era de Deus e dos homens, que nos ensinou a todos as leis da verdadeira vida, e deixou aos filhos um testamento de paz⁵. ⁴Talvez devêssemos antes rejubilar-nos com ele; mas como a sua ausência nos deixou envoltos em trevas e sombras de morte, não é também descabido o nosso pranto⁶. ⁵Sendo uma perda irreparável para todos, para mim o infortúnio foi ainda maior, pois me deixou completamente desorientado no meio de inúmeros e aflitivos problemas. ⁶Eis a razão porque vos suplico, meus Irmãos: chorai comigo, como eu choro

¹ Esta carta aparece dirigida a Fr. Gregório de Nápoles. Fr. Elias deve ter dirigido cópias dela, à guisa de circulares, a outros destinatários, mas desses textos não restam vestígios (Cf. Introdução supra, p. 211). Fr. Gregório de Nápoles foi um dos dois vigários a quem S. Francisco confiou a Ordem ao ausentar-se para o Oriente em 1219. De 1223 a 1233 foi Ministro Provincial da França, sucedendo a Fr. Pacífico. A carta deve ter sido escrita no dia seguinte à morte de S. Francisco.

² Cf. j b 3, 24-25.

³ Lm 1, 16.

⁴ Os 11, 3.

⁵ Ecl 45, 6. Fr. Elias compara aqui S. Francisco a Moisés, cujo elogio é feito pelo Eclesiástico na passagem citada.

⁶ Ecl 23, 26; Sl 43, 20.

convosco – porque ficámos órfãos, porque perdemos o nosso Pai⁷, a luz dos nossos olhos⁸.

3. ¹A presença de Francisco, nosso irmão e nosso Pai, era efectivamente um facho de luz, era um farol. E era-o não apenas para os que mais intimamente convivíamos com ele, mas até para tantos outros, cujo teor de vida era bem diferente do nosso. ²Um clarão que irradiava d’Aquele que é a Verdadeira Luz⁹, e iluminava mesmo os que se encontravam na escuridão da morte, dirigindo-lhes os passos pelos caminhos da paz¹⁰. ³O Sol Nascente aureolava-lhe o coração e inflamava-lhe o espírito, fazendo dele um foco brilhante como sol do meio-dia, ⁴levando-o a pregar o reino de Deus, a transformar corações empedernidos em corações dóceis, a converter a malvadez em bondade, a conquistar para o Senhor um mundo novo¹¹. ⁵O seu nome ecoou nas paragens mais distantes, os seus prodígios foram admirados em toda a terra¹².

4. ¹Por estas razões, meus irmãos e meus filhos, não deveis deixar-vos acabrunhar por uma excessiva tristeza, até porque Deus, que é Pai dos órfãos, nos consola com a sua consolação divina¹³. ²E se chorardes, chorai mais por vós¹⁴ do que por ele: porquanto nós, mesmo na pujança da vida, vivemos na morte; e ele já passou definitivamente da morte para a vida¹⁵. ³Mas tendes ainda outro motivo para vos alegrardes: é que ele, como novo Jacob, antes de se despedir lançou uma bênção a todos os seus filhos¹⁶, e a todos nos concedeu o perdão das culpas, que por acções ou pensamentos tivéssemos cometido contra ele¹⁷.

⁷ Lm 5,2.

⁸ Cf. Sl 37, 11.

⁹ Cf. Jo 1, 8-9.

¹⁰ Cf. Lc 1, 78-79.

¹¹ Cf. Mc 1, 14-15.

¹² Sl 138, 14.

¹³ Cf. Sl 167, 6; 2Co 7, 6-7.

¹⁴ Lc 23, 28.

¹⁵ Jo 5, 24.

¹⁶ Cf. Gn 49, 1-12.

¹⁷ Sobre a bênção cf. 1C 108 e também 1C 98.

5. ¹Depois deste preâmbulo, apraz-me comunicar-vos uma notícia muito alegre¹⁸, um autêntico milagre, um prodígio que nunca acontecera a não ser no Filho de Deus, Cristo Senhor. ²É que, não muito tempo antes da morte, também o nosso Irmão e nosso Pai foi como que crucificado, trazendo impressas no corpo cinco feridas, indubitavelmente as cinco chagas de Cristo¹⁹. ³As mãos e os pés mostravam ferimentos de pregos, visíveis dum lado e doutro: as cicatrizes escuras davam ideia dos negros cravos da crucifixão. ⁴E o peito também apareceu como que ferido por uma lança, ressumando sangue com muita frequência²⁰.

6. ¹Enquanto o espírito lhe animara o corpo, o seu aspecto não era bonito – antes pelo contrário. Os sofrimentos atingiam-lhe todo o organismo, e pela contracção dos nervos os membros tinham adquirido uma rigidez quase cadavérica. ²Pois com a morte tudo se inverteu: ficou com um aspecto maravilhoso, irradiante de candura, que encantava todos os que o viam. ³E os membros, anteriormente rígidos, tornaram-se extremamente flácidos, sendo possível dobrá-los em qualquer posição natural, como os membros duma criança.

7. ¹Portanto, meus irmãos, dai graças e louvores ao Deus do Céu pelo benefício que nos concedeu²¹, e recordai a memória de Francisco, nosso Pai e nosso Irmão, para louvor e glória d'Aquele que o enalteceu entre os homens e o glorificou entre os anjos. ²E sem deixardes de rezar por ele – em conformidade com o que ele mesmo pedira – rezai sobretudo por sua intercessão, para que Deus nos faça partilhar com ele da sua glória. Amém.

8. ¹Num domingo, dia 4 de Outubro, ou mais rigorosamente na véspera desse dia ao cair da noite, o nosso Pai e Irmão Francisco voou para Cristo. ²Tal como outrora o povo de Israel chorou a

¹⁸ Cf. Lc 2, 10-11.

¹⁹ Gl 6, 16.

²⁰ Descrição mais precisa em 1C 109, que parece retomar a mesma frase de Fr. Elias para a corrigir, tornando-a mais precisa: «non *clavorum* quidem *puncturas*, sed *ipos clavos* in carne eius *compositus*...»

²¹ Cf. Tb 12, 6.

perda dos seus chefes Moisés e Aarão, também vós, irmãos caríssimos, ao lerdes esta carta, chorareis comigo, por termos perdido o amparo dum pai tão extremoso.

9.¹ Embora seja louvável rejubilarmos com Francisco, não será menos louvável também chorar Francisco. É justo que nos congratulemos com ele, porque na realidade ele não morreu: apenas se ausentou temporariamente para as festas do Céu, carregado com as riquezas da graça – mas há-de regressar em dia de lua cheia²², para júbilo mais prolongado. ²Por outro lado, também nos fica bem, como filhos, chorar Francisco, porque sendo ele, como Aarão²³, o nosso mediador junto de Deus, o nosso mestre e orientador, o consolador de todas as nossas tristezas, foi-nos arrebatado. «Ficámos órfãos, privados do nosso pai», como diz a Escritura²⁴. ³Mas também diz a mesma Escritura: «A Ti, Senhor, foi entregue o pobrezinho; és Tu o protector do órfão»²⁵. ⁴Sendo assim, caríssimos irmãos, todos deveis orar para que, uma vez desfeito aquele invólucro de barro – o seu corpo mortal – neste vale dos filhos de Adão²⁶, o Supremo Oleiro se digne moldar outro de material mais nobre. ⁵E assim o nosso saudoso Pai continuará a liderar o seu povo, e como novo Macabeu continuará a ir à nossa frente para o combate.

10.¹ Uma vez que nunca é inútil orar pelos mortos²⁷, rezai também ao Senhor pela sua alma. ²Cada sacerdote celebre por ele três Missas, cada clérigo recite o Saltério, e cada Irmão Leigo reze cinco Pai-Nossos²⁸. Os clérigos, além disso, celebrem em comum uma Vigília solene. Amém.

Frei Elias, pecador.

²² Pr 7, 19-20.

²³ Hb 5, 4.

²⁴ Cf. 2Co 1, 4; Lm 5, 3.

²⁵ Sl 10, 14.

²⁶ Jr 10, 1-2.

²⁷ Cf. 2Mac 12, 44.

²⁸ Como observam os editores de Quaracchi (AF X p. 528, nota 8), o paralelismo com a obrigação imposta aos clérigos de rezarem o saltério todo e de fazerem uma vigília solene faz pensar que aos irmãos teria Fr. Elias mandado rezar 150 «Pai-Nossos» e não somente cinco. Teria, pois, havido um erro do copista que leu V em vez de CL.